



ORIENTE MÉDIO

Washington afirma que ameaça de Teerã é “real” e avisa que garantirá todo auxílio para a defesa do Estado judeu

EUA se unem a Israel para enfrentar o Irã

Com algumas discordâncias públicas em relação à guerra em Gaza, Estados Unidos e Israel aquecem a aliança para enfrentar o inimigo comum Irã. Diante da ameaça de represália ao bombardeio contra o consulado iraniano em Damasco, no início do mês, Washington reassegura que defenderá seu mais próximo parceiro no Oriente Médio, caso Teerã ataque em solo israelense. A Casa Branca acredita que a intimidação é concreta e vai mandar reforços militares para a região. A comunidade internacional entrou em alerta máximo.

“Não quero dar informação confidencial, mas minha expectativa é do que será mais cedo ou mais tarde”, disse o presidente norte-americano, Joe Biden. Perguntado sobre a mensagem que gostaria de transmitir ao Irã, respondeu: “Não o faça! Ajudaremos Israel a se defender e o Irã vai fracassar”. Na quarta-feira, Ali Khamenei, líder supremo do Irã — aliado do Hamas —, reiterou que Israel será punido.

Horas antes, o porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby, disse que “a ameaça potencial do Irã nesse caso é real, é viável”. Ele não adiantou se os Estados Unidos ajudariam a derrubar quaisquer mísseis iranianos disparados contra Israel. “Eu diria apenas que estamos acompanhando isso muito, muito de perto”, disse.

Kirby destacou que Washington garantirá que os israelenses “tenham o que precisam e que sejam capazes de se defender”. Sob anonimato, um alto funcionário do governo norte-americano confirmou que isso inclui o envio de militares. “Estamos mobilizando ativos adicionais na região para robustecer os esforços regionais de dissuasão e aumentar a proteção das forças americanas”, disse o servidor da Defesa, sem dar mais detalhes.

Na véspera, Biden já havia prometido um “apoio forte” a Israel, a despeito de seu descompasso com algumas das posturas adotadas pelo primeiro-ministro Benjamin Netanyahu na guerra contra o Hamas. No mesmo dia,



O líder supremo do Irã, aiatolá Ali Khamenei, durante cerimônia religiosa em Teerã: alertas reiterados de retaliação a ataque a consulado



Ajudaremos Israel a se defender e o Irã vai fracassar”

Joe Biden, presidente dos Estados Unidos

o secretário americano da Defesa, Lloyd Austin, telefonou ao ministro israelense Yoav Gallant para reassegurar a parceria.

“Nossos inimigos pensam que podem separar Israel e Estados Unidos, mas é justamente o contrário: estão nos unindo e fortalecendo

nossos laços”, disse Gallant, ontem, em um comunicado. “Estamos lado a lado”, acrescentou.

O general Michael Erik Kurilla, que está à frente do Comando Central dos Estados Unidos para o Oriente Médio (Centcom), viajou a Israel. “Se o Irã atacar a partir de seu território, Israel responderá e atacará o Irã”, advertiu o chanceler israelense, Israel Katz.

Corrida diplomática

Os alertas sobre um potencial ataque iminente de Teerã contra o rival desataram uma corrida diplomática para evitar uma escalada sem precedentes na guerra no Oriente Médio. O secretário de Estado dos Estados Unidos, Antony

Blinken, pediu aos seus pares da China, Turquia e Arábia Saudita que tentem dissuadir Teerã.

Em meio às conversas, o ministro iraniano das Relações Exteriores, Hossein Amir Abdollahian, defendeu a “necessidade” de Teerã responder após o bombardeio contra seu consulado, em conversas com seus homólogos da Alemanha, Austrália e Reino Unido.

Diante da escalada de tensão, a embaixada dos EUA em Israel anunciou, na quinta-feira, restrições às viagens de seus diplomatas por razões de segurança. Ontem, a França recomendou que seus cidadãos não viajem ao Irã, Líbano, Israel e aos territórios palestinos. Reino Unido,

Canadá e Austrália também fizeram o alerta. A companhia aérea alemã Lufthansa suspendeu os voos com pouso e decolagem de Teerã.

Apesar do momento de grande tensão, as forças israelenses não atenuaram a ação na Faixa de Gaza. Novos bombardeios ocorreram ontem no enclave, segundo o Hamas. Ao mesmo tempo, Catar, Egito e Estados Unidos, que atuam como mediadores para alcançar uma trégua, aguardam as respostas de Israel e do movimento palestino à proposta mais recente para uma interrupção dos combates que permita, ainda, a libertação de reféns israelenses mantidos no enclave.

Apoio à Palestina

Em visita à Noruega e à Irlanda, o presidente do governo espanhol, Pedro Sánchez, obteve, ontem, o compromisso de apoio ao reconhecimento da Palestina como Estado. Após receber pela manhã, em sua passagem por Oslo, o suporte do primeiro-ministro norueguês, Jonas Gahr Store, à tarde, em Dublin, ele conseguiu também unir à sua causa o colega irlandês, Simon Harris.

“Acreditamos que o momento está chegando. Acha-mos importante avançar com outros países e gostaríamos de progredir quando chegar o momento adequado”, afirmou o premiê irlandês, de centro-direita, após a reunião com o socialista espanhol.

“A comunidade internacional não poderá ajudar a Palestina se não reconhecer sua existência. Nossos dois países se comprometeram a reconhecer publicamente a Palestina como Estado quando as condições forem apropriadas e apoiá-la como membro pleno das Nações Unidas”, ressaltou Sánchez.

Harris se expressou nos mesmos termos: “O povo da Palestina tem buscado há muito tempo a dignidade de seu próprio país e sua soberania, um lar que, como a Irlanda e a Espanha, possa ocupar seu lugar entre as nações da Terra”, declarou.

“A Noruega está disposta a tomar a decisão de reconhecer um Estado palestino”, anunciou, horas antes, o trabalhista Gahr Store. “Essa decisão deve ser tomada no momento e em um contexto, no quadro de uma coordenação estreita com países que compartilham essa ideia.”

Na próxima semana, a intenção de Sánchez é se encontrar com os premiês de Portugal, Eslovênia e Bélgica com o mesmo propósito de ampliar o apoio ao reconhecimento do Estado palestino.

Conexão diplomática



por Silvío Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Um mundo cada vez mais perigoso

A sexta-feira chegou ao fim, no Oriente Médio, sob a expectativa de um ataque iminente do Irã contra Israel. Seria o anunciado revide pelo bombardeio de 1º de abril contra o complexo da embaixada iraniana em Damasco. Entre as vítimas, um comandante de alto escalão da Guarda Revolucionária Islâmica em missão na capital síria. A ação não foi oficialmente reivindicada, mas é praticamente consenso, na comunidade internacional, de que tem a assinatura das forças militares israelenses.

Uma medida da gravidade da crise é a reação dos EUA, e um dos principais aliados de Israel. O Departamento de Estado instruiu o pessoal diplomático americano a restringir viagens no território israelense e manter-se nas áreas de Jerusalém, Tel Aviv e Beersheba. O Pentágono enviou a Jerusalém o comandante de operações na região, o general Erik Kurilla. O chanceler

britânico, David Cameron, alertou por telefone o colega iraniano, Hossein Amir-Abdollahian, sobre o perigo de um revide direto “arrastar o Oriente Médio a um conflito mais amplo”.

Sem imunidade?

Nas entrelinhas de mais esse degrau na escalada de tensões desencadeada pela guerra entre Israel e o movimento palestino Hamas, um elemento preocupa especialmente a comunidade diplomática. O precedente do bombardeio contra uma embaixada se desdobra em declaração recente do governo de Teerã, segundo a qual as representações israelenses “em qualquer lugar do mundo” são consideradas alvo potencial para uma retaliação.

As Convenções de Viena, que disciplinam as relações e as atividades diplomáticas, definem as embaixadas como

território do país nelas representado. Assim como os diplomatas acreditados, elas gozam de imunidade. A troca de ameaças envolvendo representações diplomáticas se apresenta como um dos sintomas preocupantes de um mundo onde os perigos se entrelaçam e retroalimentam.

Tem precedentes

A história recente registra antecedentes de violação à imunidade das embaixadas, com variados graus de consequências.

Foi um incidente do tipo que determinou o rompimento de relações entre os Estados Unidos e o regime iraniano. Em novembro de 1979, ainda em meio ao fervor da revolução islâmica de fevereiro, um grupo de militantes tomou de assalto a embaixada americana em Teerã, classificada pelo então

líder espiritual, o aiatolá Khomeini, como “ninho de espíões”. Diplomatas e funcionários foram tomados como reféns, e os últimos foram libertados após 444 dias, em janeiro de 1981.

Duas décadas depois, durante ação militar unilateral contra a Sérvia, em nome de proteger a minoria étnica albanesa na província de Kosovo, a Otan, aliança militar liderada por Washington, destruiu a embaixada chinesa em bombardeio sobre Belgrado. Pequim não retaliou o ataque, mas tampouco aceitou plenamente as desculpas — e voltou a mencionar o episódio quando a aliança ocidental pediu apoio contra a invasão da Ucrânia pela Rússia, há dois anos.

Também não foi esquecido, passadas três décadas, o atentado a bomba que matou 29 pessoas na embaixada israelense em Buenos Aires, em 1992. Na semana que termina, a Justiça argentina responsabilizou formalmente o Irã pelo ataque, cuja realização direta foi atribuída ao movimento extremista libanês Hezbollah, apoiado por Teerã.

A sentença se aplica ainda ao atentado de 1994, também na capital argentina, contra a associação judaica Amia, com saldo de 85 mortes.

Na vizinhança

Paralelamente às tensões no Oriente Médio, a América Latina vive nos últimos dias uma grave crise entre dois vizinhos da região. O México rompeu as relações diplomáticas com o Equador depois da invasão policial à sua embaixada em Quito. O alvo da operação foi o ex-vice-presidente equatoriano Jorge Glas, acusado de corrupção.

O governo mexicano, que tinha concedido asilo ao político, entrou com ação contra o Equador na Corte Internacional de Justiça, em Haia. Além da condenação do que classifica como “grave violação do Direito Internacional”, o México pede que o Equador seja suspenso da condição de membro de pleno direito das Nações Unidas até que apresente desculpas formais e públicas.